

Bancos credores concordam em refinar US\$ 2,3 bi

Antonio Cunha

O embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, disse ontem que um acordo de curto prazo (6 a 9 meses) para o refinanciamento da dívida externa será assinado nos próximos 30 dias, antes da Assembléia Anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) Banco Mundial, que começará no dia 25 de setembro. Segundo Marques Moreira, o Brasil vai receber de US\$ 2 a 3 bilhões de "dinheiro novo" para pagar os US\$ 2,3 bilhões dos juros devidos em setembro, sem deixar as reservas cambiais cair abaixo do nível de US\$ 6 bilhões.

Um otimismo cauteloso marcou a entrevista coletiva à imprensa do embaixador, no início da noite de ontem no Itamaraty. Marques Moreira disse que o FMI deve aprovar o acordo "stand by" de curto prazo, o que permitirá ao Governo Brasileiro ter acesso ao "dinheiro novo" do próprio Fundo, do Bando Mundial, dos bancos privados e do governo japonês até a posse do sucessor do presidente José Sarney.

Segundo o embaixador Brasileiro em Washington, o FMI sequer precisará mandar de volta ao Brasil a sua missão técnica para negociar novas metas econômicas. afirmou que no primeiro semestre. A missão chefiada por Thomas Reichmann, chefe da Divisão do Atlântico do Fundo, colheu os indicadores básicos para o Relatório Anual do FMI e pode avaliar o comportamento da economia brasileira. Agora, falta apenas o Brasil definir as metas fiscais para 1990, de acordo com a proposta orçamentária que o Executivo encaminhará, neste final de mês, ao Congresso Nacional.

Sem hiperinflação

Marques Moreira disse que, apesar da centralização cambial baixada no final de junho último, o Brasil dispõe de ambiente mais favorável para negociar. Observou que os credores internacionais



Marques Moreira confirma acordo de curto prazo com os bancos

compreenderam a suspensão dos pagamentos ao exterior para preservar o nível mínimo de reservas de US\$ 6 bilhões e também a capacidade do governo brasileiro de controlar os problemas econômicos internos, sem o risco de hiperinflação.

"Existe o consenso de que o Brasil precisa preservar as reservas para lastrear a transição política. Não há pressão e sim compreensão dos credores quanto à centralização cambial", afirmou Marques Moreira.

Em sua opinião, o governo norte-americano, o FMI e os bancos credores sabem que o Brasil não pretende decretar a moratória unilateral da dívida e o acordo de curto prazo com a comunidade financeira surge como a solução lógica para que o País não enfrente um impasse cambial até a posse do sucessor de Sarney.

Modelo Filipino

Na certeza da superação do estrangulamento previsto para setembro, em função do acúmulo de

US\$ 2,3 bilhões, o embaixador brasileiro nos Estados Unidos projetou a próxima renegociação global da dívida externa, provavelmente já no próximo governo, disse que o Brasil deve optar pelo "modelo Filipino", com prioridade para o ingresso de "dinheiro novo". Ao contrário do México, que brigou pelo desconto de 35% para os serviços da dívida, o Brasil imitará as Filipinas e insistirá na obtenção do "dinheiro novo" para recomprar a sua dívida no mercado secundário.

Tranquilo, Marques Moreira parecia que voltava de férias. O embaixador ressaltou que sua vinda ao Brasil está relacionado às palestras que fará em São Paulo, amanhã e quinta-feira, sem novidades urgentes para o presidente José Sarney ou o ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega. Para ele, não há o trauma interno da hiperinflação e tampouco do impasse externo. "estou otimista. Todos estão dispostos a negociar. Até dia 25, sai o acordo da dívida brasileira", disse.